

O TEMPO DAS RELÍQUIAS: O CASO DOS RELOJOEIROS NA CIDADE DE PELOTAS

ROCHA, Loren Nunes da¹; GILL, Lorena Almeida²

¹Universidade Federal de Pelotas, Graduanda do curso de História, bolsista CNPq; Universidade Federal de Pelotas, Departamento de História. lorenaalmeidaqill@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2009 está em desenvolvimento o projeto de pesquisa intitulado “À beira da extinção: memórias dos trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer”. O projeto visa, a partir das narrativas dos trabalhadores, observar o cotidiano de vida dos mesmos durante a segunda metade do século XX em Pelotas e, entre outros objetivos, perceber como o processo de industrialização provocou a exclusão desses profissionais do mercado de trabalho.

Uma série de ofícios, sobretudo artesanais, compõe a lista a ser analisada pelo projeto, praticados em cidades pequenas e médias na região sul do Rio Grande do Sul. Com a proliferação da produção em larga escala, várias atividades entraram em vias de desaparecer, como é o caso dos alfaiates, lavadeiras, leiteiros, arrumadores de guarda-chuva, afiadores (cuteleiros), relojoeiros (relógios de corda), parteiras, engraxates e motorneiros.

O projeto trabalha com a metodologia de História Oral Temática e, a partir das narrativas, se percebe uma prática de aprendizado de ofícios artesanais, bastante distinta, que segue a lógica do “aprender fazendo”, portanto, os narradores/colaboradores mencionam a forma de transmissão do conhecimento dividida em três etapas: aprendiz, mestre e oficial. Logo, era comum que crianças se inserissem ao mercado de trabalho, iniciadas pelos pais que as orientavam a um ofício, encaminhando para a vida, onde o maior ganho era o aprendizado de uma profissão, não para fins financeiros, uma vez que os aprendizes não recebiam salários, apenas por conhecimento.

Para esta proposta de apresentação se traz a narrativa de um dos entrevistados pelo projeto, um relojoeiro de 76 anos que trabalha há aproximadamente quarenta anos no mesmo ramo. A partir da experiência do senhor Miltom Barcellos, pode-se analisar as nuances no mundo do trabalho e os avanços tecnológicos que fizeram com que determinados ofícios entrassem em vias de desaparecer.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O projeto trabalha com duas vertentes metodológicas. A primeira se desenvolve a partir da história oral. São realizadas entrevistas com trabalhadores que exercem ou exerceram ofícios que outrora eram imprescindíveis e agora se encontram em vias de desaparecer. Há um contato inicial com a pessoa que se intenciona entrevistar para agendar o encontro, momento no qual são explicados os objetivos do trabalho. Usa-se a filmagem, desde que a pessoa concorde. As entrevistas são transcritas, levadas depois ao depoente que, após a leitura, assina um termo de cessão permitindo a utilização da mesma para fins acadêmicos. As entrevistas são gravadas e, partindo do pressuposto que os gestos e expressões

permitem perceber com mais clareza o impacto que determinadas situações causaram a esta pessoa, trabalha-se também com a memória dos sentimentos e re-sentimentos. Após, há a análise do material, que passa a fazer parte do acervo do Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Pelotas.

A segunda vertente metodológica utilizada foi a análise dos processos trabalhistas da Justiça do Trabalho da Comarca de Pelotas (1941-1990), que estão dispostos, uma parte em caixas (arquivos) previamente organizados e higienizados e a outra parte em almagos. Cada uma delas reúne cerca de 20 processos trabalhistas, que passam por uma triagem através da qual são extraídos os motivos, reclamações, período de duração, desfecho, vínculos sindicais, atestado de pobreza, advogados das partes, reclamante, reclamado, enfim, informações de ordem tanto pessoais quanto processuais, que são digitadas e armazenadas em um banco de dados a fim de facilitar na compreensão de como os trabalhadores de Pelotas perceberam e reagiram a estas mudanças no mundo do trabalho e facilitando também o acesso ao material para futuras pesquisas. Para cada caixa e/ou almagão, são produzidas tabelas que apresentam esses dados e nos permitem fazer comparações, além de perceber como em determinadas épocas e de acordo com a política vigente, as tendências das reclamações mudaram, como é o caso do papel dos sindicatos durante o Estado Novo, por exemplo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre os relojoeiros entrevistamos apenas um, objeto dessa proposta, porém já se entrou em contato com um outro relojoeiro também na cidade de Pelotas. O que torna esses relojoeiros singulares é o fato de que além de consertar relógios de pulso, trabalham com peças antigas, relógios de parede, relógios de corda, feitos em bronze, que por muito tempo foram um artigo de utilidade básica e hoje são vendidos como peças de decoração, espécies de relicários.

Em seu relato, o Sr. Milton Barcellos conta como começou a exercer a profissão. Segundo ele, as relações entre o empregado e o trabalho eram diferentes, primeiro se passava pela situação de aprendiz, a qual não era remunerada. O grande ganho era o aprendizado de um ofício. Na categoria de aprendiz geralmente eram iniciadas as crianças, mas isto não foi o que ocorreu com o senhor Milton. Este se empenhou no ofício já adulto, pois trabalhava durante o dia como motorista de caminhão e à noite se dirigia até a casa de um senhor relojoeiro para ajudá-lo.

Seus principais clientes são pessoas de mais idade que, segundo ele, gostam de conservar seus relógios antigos. Em sua fala destaca que a mocidade não usa mais relógio e atribui este fato ao uso do celular. Ele faz um contraponto entre relógios de marcas reconhecidas e relógios dos camelôs. Diz que os primeiros são muito caros e é perigoso andar com eles na rua, pois pode facilitar um assalto e, os segundos são muito baratos, não valendo a pena consertar. Antigamente, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990, o uso do relógio de pulso era um hábito comum e seu trabalho estava mais vinculado a este tipo de relógio. Atualmente, ele conserta alguns relógios de pulso, mas principalmente se dedica a cuidar de relíquias, que desempenham um papel estético em decorações. Com o avanço da tecnologia apareceram relógios digitais e celulares, não sendo possível acompanhar o processo, pois não dispõe de equipamentos nem de treinamento necessário para lidar com este produto. A baixa dos preços se deu a partir da produção em larga

escala numa verdadeira era industrial, logicamente quanto maior for o número na produção, menor serão nos preços. Essa é uma queixa constante em todas as entrevistas que foram realizadas com profissionais que exercem ofícios em vias de desaparecer, pois estão sendo praticamente excluídos do mercado.

O Relojoeiro entrevistado destaca que as peças de relógios são muito pequenas e delicadas, portanto, este é um ofício que exige paciência, algo cada vez mais difícil no mundo contemporâneo.

Ao ser questionado se conhecia mais alguém que pratica esta atividade ele mencionou o nome de vários outros homens, mas que, no momento, encontram-se retirados do mercado de trabalho, por motivo de aposentadoria ou pela falta de oportunidade para continuarem exercendo a prática. Um fator apontado pelo entrevistado para as dificuldades no trabalho dos relojoeiros é a falta de torneiros, profissão que também está em vias de desaparecer. Relatou que antigamente havia vários na cidade de Pelotas e qualquer peça do relógio (de parede) que estragasse poderia ser reproduzida quase sempre no mesmo dia. Esta ausência encarece o serviço, pois atualmente as peças que quebram ou se extraviam tem de ser encaminhadas ou solicitadas de São Paulo.

Nota-se que pelas afirmativas do Sr. Miltom, ele percebe claramente as mudanças que a tecnologia trouxe à sua profissão, tanto pela queda do número de clientes, como a readaptação da sua atividade de acordo com as modas e gostos dos clientes.

4 CONCLUSÃO

O projeto ainda está em fase de desenvolvimento, portanto se tratam de conclusões parciais, uma vez que outros ofícios podem ser incorporados e novos processos trabalhistas serão analisados. Contudo, por intermédio das entrevistas pode-se pensar que esses trabalhadores foram sendo excluídos do mercado de trabalho em função das inovações tecnológicas, da introdução no mercado de produtos de baixo preço e altamente descartáveis, além de mudanças de hábito de consumo.

Todos os entrevistados mencionam a preocupação com a legislação trabalhista e o fim do vínculo de “aprendiz”, já que não é mais possível ter um funcionário sem ganhos salariais, principalmente menor de idade. Para eles, muitos oficiais, que outrora tinham muitos funcionários, passaram a trabalhar sozinhos, tanto pela diminuição da clientela como pelo receio das leis trabalhistas. Por outro lado, por atuarem sozinhos e não ensinarem a profissão, mantém o que se chama de segredo do ofício, o que garantia a especialidade em determinadas funções, como é o caso dos afiadores, relojoeiros, arrumadores de guarda-chuva e assim por diante.

Sobre o ofício do Sr. Miltom, destaca-se que tanto relojoeiros quanto os relógios movidos a corda são coisas do passado. Os dois são relíquias e um ainda sustenta o outro, enquanto o tempo da relíquia humana não se completar de um todo.

5 REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.
- ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**. São Paulo: Contraponto, 1996.
- BARROS, Myriam. **Memória e Família**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 29-42.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. São Paulo: Brasiliense, 1994. In: Obras Escolhidas, v.3.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. Ed. da Universidade de São Paulo, 2. ed. 1987.
- CANDAU, Joël. **Antropologia de la memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- CHAUVEAU, Agnès. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. **Identidade na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**. O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado**. São Paulo: Brasiliense, 1989. Capítulo: Trabalho: a categoria sociológica chave?, p.167-198.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- SADER, Emir. **Século XX: uma biografia não autorizada**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.